

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Gilcinéia Coutinho Barbosa

**LITERATURA, ORALIDADE, CORPOREIDADES AFRICANAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL.**

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do título de Especialista em História da África.

Orientador: Prof.Dr. Edimilson de Almeida Pereira.

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BARBOSA, Gilcinéia Coutinho .
LITERATURA, ORALIDADE, CORPOREIDADES AFRICANAS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL / Gilcinéia Coutinho BARBOSA. – 2017.
50 f.

Orientador: Edimilson de Almeida PEREIRA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História da África, 2017.

1. Literatura. 2. oralidade. 3. educação infantil . 4. corporeidades africanas. I. PEREIRA, Edimilson de Almeida, orient. II. Título.

Dedico este trabalho às companheiras professoras de Educação Infantil, que bem sabem as delícias e os contentamentos advindos da interação com esses pequeninos seres fantásticos chamados – crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente ao professor e orientador Doutor Edimilson de Almeida Pereira pelo embasamento teórico e encorajamento pela escolha do tema. A todos os professores do curso que contribuíram para promover profundas transformações em meu modo de ver e viver as relações. Aos colegas de curso que se tornaram verdadeiros companheiros. E às crianças que foram e são meus maiores incentivadores.

Literatura, oralidade, corporeidades africanas na Educação Infantil.

Este material didático é fruto da dedicação aos estudos sobre História da África. Um recorte de experiências vivenciadas que revelaram através da triagem de novas questões e apontamentos para a transformação na maneira de olhar, de representar e conceber o conhecimento a partir da valorização significativa da cultura, do respeito à diversidade, da ludicidade contidas nas representações africanas nos espaços de Educação Infantil.

Ansiamos que as experiências aqui compartilhadas colaborem para o desenvolvimento de uma educação ética, democrática, que pleiteia a igualdade de oportunidades, privilegia as diversas colaborações culturais dos diferentes grupos étnicos que constituem nossa nação.

Que seja um instrumento acolhedor, capaz de promover interação das crianças com as histórias e as culturas africanas. Seja um potencializador de identidades e representatividade, auxiliando na construção da criatividade.

Sabemos que uma educação democrática que contemple a inserção de elementos capazes de extinguir o preconceito, discriminação e revelar o pertencimento de um grupo de importância étnica como as colaborações africanas e afrodescendentes na Educação Infantil, implicam na utilização de diversas linguagens, diferentes recursos didáticos, e planejamentos dinâmicos conjuntamente aos métodos tradicionais, exigindo dedicação e comprometimento dos docentes.

De olho nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – destacamos que a criança nos intercâmbios cotidianos, estabelece sua identidade individual e coletiva, por meio da brincadeira, da imaginação e fantasia ela constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade tornando-se um ser produtor de cultura.

A Educação Infantil é a primeira fase da Educação Básica, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.16) que a regulamenta, ela deve respeitar os princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Estéticos: da sensibilidade, criatividade,

da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.21) determinam que nos espaços que atendem esse tipo de educação deve ser assegurada, a valorização bem como o reconhecimento o respeito e a “interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação”.

Imaginemos uma criança negra que como qualquer outra, cheia de energia, imaginação e expectativas em um ambiente escolar quase sempre hostil á sua presença, sofrendo as omissões de uma sociedade racista e discriminadora como a que vivemos, dificilmente desenvolvera plenamente suas potencialidades. Mesmo que não saibam verbalizar a discriminação que passam, elas padecem com o silêncio dos adultos que lhes são referência naquele momento.

A invisibilidade com que crianças negras são tratadas em nossas escolas impressiona. Azoilda Loretto da Trindade endossa essa perspectiva ao mencionar que:

É impressionante que, por muito tempo, ninguém se preocupou com a importância de colocar, no acervo de brinquedos das crianças da Educação Infantil, bonecas e bonecos negros, livros infantis com imagens e personagens negros em posição de destaque, não ter mural com personagens negros, não serem trabalhadas as lendas, as histórias e a História africanas, entre outras formas de afirmação de existência e de valorização dos negros em nosso país. É, essa insensibilidade está inscrita na nossa memória coletiva de brasileiros e brasileiras, que vendiam crianças negras, que abusavam das crianças negras, que matavam crianças negras, que impediam que as crianças negras fossem amamentadas por suas mães. A história parece que nos legou uma responsabilidade social especial para com essas crianças. Especial, pois temos que ter responsabilidade social para com todas.(TRINDADE, 2005,p.3)

Por compartilhar com essas percepções acredito que o caminho que se faz através da Literatura, da Oralidade e Corporeidade possa dar inicio a trabalhos que privilegiem a colaboração africana na Educação Infantil.

Nessa expectativa destaco algumas intervenções realizadas na EMEI em um Guia Prático de Recursos Didáticos das africanidades na Educação Infantil para crianças de 04 e 05 anos, propondo diálogos com outros educadores, buscando con-

truir uma proposta de ensino que contemple uma educação diversificada comprometida com as relações étnico-raciais.

Assim sendo, Carolina dos Santos Bezerra Perez destaca alguns aspectos fundamentais para a implementação de uma proposta como essa na Educação Infantil:

Promover espaços para a contação de histórias dramatizadas, brincadeiras, atividades lúdicas e corporais, possibilitando que os conhecimentos dos grupos afro-brasileiros sejam apresentados por meio do brincar e do ouvir histórias, sendo assim, ao terem contato com as histórias, os mitos e lendas afro-brasileiras, outras lógicas e relações com o mundo serão sentidas e conhecidas pelas crianças, sendo muito ricas de serem exploradas já que as mesmas estão construindo a sua identidade, a sua autonomia e a sua relação com o seu próprio mundo e o mundo social. (PEREZ, 2005, p 34)

O ato de contar histórias e experiências que possa ter significação para outros homens certamente surgiu naturalmente através da necessidade de comunicação entre os pares. Tais expressões difundiram-se através da oralidade em orgulhosas histórias e lendas tradicionais que constituem a cultura de um povo.

Os primeiros registros sobre Literatura surgiram entre os séculos XIII e XVI com a compilação dos contos árabes que foram reunidos e adaptados. Supõem-se que os contos mais antigos seriam do Egito século XII, a eles foram se agregando contos de outras culturas.

A Literatura é mais que uma arte, é a forma de comunicação humana que mais interage com o seu apreciador, correspondendo e identificando com seus anseios. Segundo (OLIVEIRA, 2009), “a palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba, é arte e deleite”.

Só se pode falar realmente em Literatura Infantil a partir do século XVII, época em que se reorganizou o ensino e a fundação do sistema educacional burguês. Seguindo essa linha de pensamento, antes disso não havia uma infância propriamente dita, no sentido em que a conhecemos hoje. As crianças eram vistas como adultos em miniatura e participavam da vida adulta desde seus primeiros anos de vida.

A partir do século XVIII, a criança passa a ser vista como um ser em estágio específico de desenvolvimento, no entanto, é o século seguinte o ponto decisivo no qual uma consciente preocupação se volta para a produção literária destinada às crianças. Assim, essa fase

passa a ser vista como um período que necessita de um cuidado especial para a constituição da formação da criança. (SILVA, 2009, p 26)

O termo infantil associado à literatura, não significa que ela tenha sido produzida necessariamente para crianças. Contudo, a Literatura Infantil é vista por muitos, como menor, de pouco valor, talvez por desconhecer a grandeza com que o faz de conta impulsiona no crescimento das crianças, e sua capacidade de promover a formação da consciência crítica dentro da sociedade.

A Literatura Infantil, sobretudo valoriza a imaginação o fantástico o mítico, ela surge para encantar a criança, promover uma viagem pelo abstrato, levando consigo o real em forma de ficção, contudo para que se atinjam tais expectativas ela é marcada por uma linguagem mais clara, desembaraçada e acessível.

Ela dialoga com o desenvolvimento cognitivo no sentido que ela estimula nas crianças a aprendizagem e o contato com novas palavras, instiga à fantasia, o desenvolvimento da criatividade, a capacidade de interpretação dos acontecimentos que as cercam.

Nesse contexto vale ressaltar a colaboração da Literatura Infantil de recorte afrodescendente que ricamente colabora com a proposta de valorização das culturas africanas, através de contos e histórias com personagens negras e enredos que contemplam os espaços e os episódios africanos.

Reforçar a autoestima da criança negra, eternizar a alegria de ouvir uma história que fascina e encanta fazem parte dessa literatura.

Em seus relatos sobre definição de literatura infantil e engajamento social I-naldete Andrade enfatiza que:

O prazer da leitura acompanhou-me da infância ao presente e com ela a literatura infanto-juvenil. [...] a militância no Movimento Negro direcionou-me a utilizá-la como instrumento de identificação das relações raciais no Brasil. Defino: literatura infanto-juvenil, a literatura feita por pessoas adultas para crianças e jovens. É uma arte que povoa a imaginação, e por isso, tem o seu espaço na formação da mente plástica do ser que a ela tem acesso. (ANDRADE, 2005, p 118).

Bem antes da legalização do ensino para as relações étnico-raciais (Lei 10.639/03) entre os anos de 82 a 84 em Pernambuco, Andrade, já realizará pesqui-

sas sobre livros de literatura infantil com abordagem do negro, buscando entender o lugar que o mesmo ocupava nas histórias (ANDRADE, p 119). “Os livros que reforçavam a imagem do povo negro passaram a fazer parte de uma Oficina de Leitura, onde era desenvolvida metodologia de resgate de identidade racial”.

Sua metodologia foi alicerçada nos pilares da memória, identidade e referência, por acreditar que:

Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade. É a última experiência que a militância do Movimento Negro depõe ao assumir o novo status – o status de pertencer ao povo negro – e o mesmo depoimento tenho encontrado na maioria das crianças ou jovens nas Oficinas de Auto-estima, que também chamo de Identidade Racial. Para refazer o presente – a identidade – a Oficina leva ao caminho de volta – a memória – aproveitando ou estimulando no prazer da leitura e, através dessa, a construção da auto-estima. É tentar refazer a história individual na história coletiva então desprovida, na maioria das vezes, de referências encobertas na memória. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras. Nisto consiste Oficina de Identidade Racial (ANDRADE, 2005, p 120).

Cabe elencar também os recentes estudos de Eliane Debus que consideraram a representação do negro na literatura Infantojuvenil, no Brasil. A princípio tinha por finalidade promover o levantamento da quantidade de livros que apresentavam a temática do negro, logo se propôs a analisar como ele se apresentava.

Analisando os livros de Literatura Infantil observou que nesse universo que trata as relações africanas e afrodescendentes há um percentual que abordam o empoderamento étnico-racial valorizando e reconhecendo a colaboração africana e afro-descendente, tendo o negro como protagonista. E há também aqueles que estimulam a inferiorização do negro, silenciando sua voz, colocando-o em condições de depreciação.

DEBUS acredita que o caráter simbólico da literatura possa contribuir para reflexões que rompam com uma visão construída no viés da desigualdade étnica e se solidifique sob uma base de valorização da diversidade. Ela destaca ainda que a “proximidade do leitor com as problemáticas das personagens o faz refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica”.

Sendo assim vale ressaltar as considerações acerca das pesquisas de Eliane Santana Dias Debus :

Ao analisar o tema desta exposição, percebe-se que a questão da representação do negro na literatura infantil, que tem ganhado nos últimos anos mais espaço nas editoras, ainda ocupa um espaço muito pequeno, pois se percebe que o número de outros títulos é muito maior do que os que fazem referência ao negro, tanto na narrativa como na ilustração. Porém, trabalhos como estes aqui realizados contribuem na elaboração de subsídios para que os educadores das séries iniciais possam cumprir as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (julho/2004), trabalhando com textos literários que contribuam para a construção de uma identidade étnica de seus alunos. (DEBUS, p.8).

Os aportes aqui apontados confirmam as contribuições que os livros de Literatura Infantil, com abordagem positiva da história de África e das personagens negras, podem exercer para formação de uma identidade positiva em nossas crianças na Educação Infantil.

Nesse contexto que se configura entre o espaço da literatura infantil e as africanidades incumbe destacar em África o prosador angolano Ondjaki (Ndalú de Almeida), que reproduz em sua literatura uma,

Angola recriada poeticamente, tornando-se um espaço onde os seres, as coisas e, principalmente, as histórias (ou estórias, como prefere Ondjaki), alegres ou tristes, são postas em estado de poesia. Nesse contexto, encontra-se, recorrentemente, a infância, que surge como uma filosofia de vida e um campo essencial no qual o autor colhe conteúdo para sua escrita. (COUTINHO, NASCIMENTO, p.2. 2014).

Ondjaki em sua literatura recorre às singularidades próprias da infância para construir sua narrativa. Atendo-se do ficcional para abordar o real, enfatiza Coutinho, Nascimento (2014, p. 3),

Mais do que a referência a uma etapa da vida associada ao lúdico e à espontaneidade, na obra de Ondjaki, a infância parece figurar como esteio e resistência à realidade e aos sabores atribuídos à existência adulta, profundamente marcada, nos dias atuais, pelas questões que volteiam em torno da desagregação do sujeito e da busca por uma identidade. Essa desagregação torna-se mais intensa nas sociedades pós-coloniais contemporâneas, onde o regime de exploração parece enraizado nos modos de relação dos indivíduos entre si e desses com o poder instituído.

Sua apropriação de infância, embora regente da linguagem, faz de seus escritos “uma convergência entre o ético e o estético, como forma de pensamento e expressão da pós-colonialidade angolana, segundo Coutinho, Nascimento p.3, 2014. Conferindo-lhe ainda apropriação para compor encantamentos direcionados ao mundo infantil, com obras como – O voo do golfinho, Ynari a menina das cinco tranças, O carnaval da Kissonde, O leão e o coelho saltitão, são as mais conhecidas expressões para crianças na faixa etária que estamos abordando

Atentemos ainda aos conceitos de oralidade, corporeidade e africanidades aqui lançados, para a promoção de uma educação democrática.

Definir Oralidade tendo como senso comum trata-se de algo que é transmitido através da verbalização da fala e como tal é dotado de emoção e de conhecimento. Torna-se muito rico para o processo escolar infantil o estímulo de experiências orais como ler, inventar e reinventar histórias, contos e lendas, cantar músicas, “fazer de cada um dos nossos alunos e alunas contadores de histórias, compartilhadores de saberes, memórias, desejos, fazeres pela fala. Falar e ouvir podem ser libertadores”, afirma Azoilda

No contexto da educação para as relações étnico-raciais, o significado de Oralidade toma proporções de representatividade nas concepções de Perez :

O diálogo, a oralidade, as histórias de vida e a aprendizagem entre as diferentes gerações aparecem como características de diversos grupos culturais de origem africana. Desse modo, partindo de Paulo Freire, compreendemos que a construção do conhecimento que uma educação para as relações étnico-raciais deve privilegiar não pode prescindir de uma organização horizontal em que educadores, educandos e gestores compreendam a importância do aprendizado coletivo e do diálogo como construtores de conhecimento. (PEREZ, 2015, p. 35),

Tratar sobre corporeidade se faz necessário, pois é através do corpo que nós nos apresentamos ao mundo e é justamente por ele que nos negros somos muitas vezes vitimados pelo preconceito e discriminação. Nosso estereótipo quase sempre é visto como inadequado, nossa cor da pele, cabelos, lábios, etc. Entre as crianças menores (04 anos) é bem raro observar manifestações de repúdio à imagem que reflete diferença, contudo infelizmente de acordo com que vão crescendo essas manifestações vão surgindo.

Compreender corporeidade nas relações de matriz africana é lembrar-se de um povo (corpo) trazido da África que sofreu flagelos, mas como resistência aprendeu que seu corpo é sua riqueza, seu pertencimento.

Perez afirma que:

É necessário que compreendamos a corporeidade de forma global e integrada, partindo da totalidade: todos os sentidos e sentires que perpassam essa relação do corpo com o mundo seja por meio da voz, do toque, do olhar, do olfato, do paladar, dos sentires e do perceber. Desse modo, a aprendizagem se desenvolve por meio de todos os sentidos de forma integrada, não separando as dimensões em áreas estanques. Compreender que a herança de matriz africana não separa essas dimensões para a compreensão da realidade que cerca a todos é um dos pressupostos fundamentais para elaboração de atividades que valorizem a dimensão cognitiva, psicológica, simbólica, intelectual, racional, motora e afetiva de forma integrada. (PEREZ, 2005, p. 34).

Na Educação Infantil, o conhecimento acontece através das interações entre os corpos e dos corpos com os objetos. Esses intercâmbios impulsionam a construção dos saberes a produção do conhecimento.

Diante dessa ação pedagógica, é valioso compreender o que Azoilda Trindade nos elucida,

Cuidar do corpo, aprender a massageá-lo, tocá-lo, senti-lo, respeitá-lo é um dos nossos desafios no trabalho pedagógico com a Educação Infantil. Dançar, brincar, rolar, pular, tocar, observar, cheirar, comer, beber, escutar com consciência. Aparentemente nada de novo, se não fosse o desmonte de corpos idealizados e a aceitação dos corpos concretos. (TRINDADE, p.7, 2005)

A busca por ação pedagógica isenta de estereótipos que procura acabar com o racismo e a discriminação nos espaços de Educação Infantil parte da necessidade de produzir novos significados ao conhecimento que é transmitido.

Tal conhecimento deve propagar características das “africanidades, ou seja, os conhecimentos teóricos e ancestrais relacionados à África e à existência cultural e simbólica de todos os africanos e seus descendentes”, Perez (2005, p 26) considerando igualmente as características de seu entorno, tendo como auge intervenções significativas, capazes de modificar a forma de ver e sentir a si mesmo e a seu redor.

Assinala SILVA (Apud PEREZ, 2005, p. 26).

Ao dizer africanidades brasileiras, estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia.

Com a intenção de esboçar um trabalho que busca esse tipo de vivência destaco algumas práticas da EMEI Professora Renata Teixeira Bastos no município de Matias Barbosa.

Em nossos espaços procuramos tornar o ambiente escolar acolhedor a todas as crianças. Buscando representá-las nas diferentes situações. Nos últimos anos tem se adotado pequenas medidas que buscam aumentar o sentimento de pertencimento de crianças negras em nossa escola.

Procuramos trabalhar atividades diversificadas cuja presença de dados da cultura africana venha prevalecer através de imagens, filmes, músicas, brincadeiras. Por meio das interações pessoais com conversas e valorização do respeito mútuo.

Durante o ano de 2016 pude observar pequenas atitudes que revelaram a preocupação em tornar a EMEI um ambiente acolhedor às crianças negras e afro-descendentes, buscando promover identidades e pertencimentos diminuindo as discriminações e racismo na escola.

Um exemplo sutil que merece destaque é a confecção do mural de recados valorizando a imagem de uma menina negra com um livro nas mãos.

Fotografia 1 – Mural de recados



Fonte: Elaborada pela autora, 2016

É costume nas escolas de Educação Infantil a produção de painéis em cada data comemorativa do calendário escolar, para recepcionar as crianças. Em 2016, escolhemos reproduzir uma mulher negra (estilizada) representando as mães negras que por vezes são esquecidas nessas reproduções artísticas. Procuramos lembrar que todas as mães das mais diferentes etnias merece visibilidade.

Fotografia 2- Painel em comemoração ao dia das mães.



Fonte: Elaborada pela autora, 2016.

No mês de novembro (infelizmente, por ser somente nessa época, porém) a escola se empenhou. Todas as professoras se dispuseram a trabalhar a temática racial, fizeram com bastante respeito e compromisso.

Pesquisaram em seu entorno as manifestações de matriz africana realizadas na comunidade, a fim de promoverem uma ação que trouxesse o grupo para dentro da escola, tornando os conhecimentos mais significativos.

Constatou-se que um grande número de alunos nossos estavam matriculados no grupo de capoeira do bairro.

Outro aspecto que merece destaque, e que se tornou mais um elemento de pesquisa, para prováveis intervenções foram os cabelos – estes vinham para a EMEI com lindos trançados, outros com cortes elaborados, todos exprimindo autoestima e valorização da beleza de ser negro e afrodescendente.

Notamos também o fascínio das crianças por histórias. Mais um item que poderia ser utilizado nas intervenções pedagógicas.

Desse modo foram surgindo atividades muito interessantes que vale destacar:

- Ensaio fotográfico “Diversidade de belezas” do 2º Período D.

Fotografia 3 – Exposição de fotos das crianças do 2º período D



Fonte: Arquivo da EMEI Prof^a. Renata Teixeira Bastos.

- Narração da clássica história da Menina Bonita do Laço de fita de Ana Maria Machado pelas turmas do 1º período A e C, sendo que a turma A produziu a personagem principal com o carimbo de suas mãos e colagens;

Fotografia 4 – Exposição dos trabalhos do 1º período A



Fonte: Arquivo da EMEI Profª. Renata Teixeira Bastos.

- A turma C produziu um cartaz coletivo enfatizando a diversidade através da pintura dos filhotes da personagem do coelho.

Fotografia 5 – Exposição do cartaz produzido pelo 1º período C.



Fonte: Arquivo da EMEI Profª. Renata Teixeira Bastos.

- Narração do Conto Africano – Os filhos do Fogo - Confeção de bonecos de argila.

Fotografia 6 - Exposição dos bonecos de argila dos alunos do 1º período B.



Fonte: Arquivo da EMEI Profª. Renata Teixeira Bastos.

- Apresentação da Associação de Capoeira Ginga Pura ao qual grande parte das crianças da EMEI faz parte.

Fotografia 7 – Apresentação de capoeira.



Fonte: Arquivo da EMEI Prof^a. Renata Teixeira Bastos

- Narração da história e produção da boneca africana Abayomi – símbolo de resistência, tradição e poder feminino, feita a partir de nós ou tranças no tecido.

Fotografia 8 - Apresentação da história e produção de boneca Abayomi .



Fonte: Arquivo da EMEI Prof^a. Renata Teixeira Bastos, 2016.

Figura 9 – Abayomi



Fonte: VIEIRA, Kauê. Site www.afreaka.com.br.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação infantil. Brasília. MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília. MEC/Secretaria de Educação Continuada, alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2004.

COUTINHO, F.; NASCIMENTO, M.N. **Territórios da infância em Ondjaki**: Uma estética da pós-colonialidade Angolana. Disponível em: <
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5616509.pdf> > acesso em 07/ 01/2017.

DUARTE, Eduardo de **Assis. Literatura e Afro – descendência**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org). **Um tigre na Floresta de Signos**: Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2010

OLIVEIRA, M. Cristiane. Literatura Infantil. Disponível em:
<http://www.graudez.com.br/litin/origens.htm> acesso em 13/04/2009.

PEREZ, Carolina dos Santos Bezerra; **Erer** : Educação para as Relações - Étnico Raciais. Juiz de Fora: Editora UFJF.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. **Reflexões sobre relações étnico-raciais e educação**: entre diálogos e silêncios. In: **Depois, o Atlântico**: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana. Edimilson de Almeida Pereira. Robert Daibert Junior, Organizadores,- Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil**. Disponível em: <
<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20a>

[frobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf](#) > Acesso em 21/11/2016.

VIEIRA, Kauê. Bonecas Abayomi: Símbolos de resistência, tradição e poder feminino. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/> acesso em: 07/11/2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA – ICH
CAMPUS UNIVERSITÁRIO – MARTELOS – JUIZ DE FORA – MG

Gilcinéia Coutinho Barbosa



PORTFÓLIO

Juiz de Fora

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIA DA ÁFRICA – ICH
CAMPUS UNIVERSITÁRIO – MARTELOS – JUIZ DE FORA – MG

Gilcinéia Coutinho Barbosa

PORTFÓLIO

Portfólio apresentado como requisito parcial para obtenção de certificação do Curso de Pós - Graduação em História da África oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof^a. Mestre : Daiana Vieira

Juiz de Fora

2016

I – Histórias de vida e memória

Revisitar alguns lugares de meu passado faz-se necessário para compor as histórias e memórias de minha vida. Falar sobre mim refletindo sobre as questões étnico-raciais é fundamental, vale ressaltar que sou negra, filha única, educada por pais com pouca instrução formal, mas que, contudo compreendiam a educação como herança de muito valor.

No contexto das questões de relevância racial destaco meu convívio familiar com a música negra, que sempre esteve presente em meu lar, e talvez fosse a presença mais marcante da cultura produzida por negros que vivenciei em minha infância. Lembro-me que meus pais ouviam *Michael Jackson* e grupos de samba compostos por negros. É possível ouvir saudosamente em minhas memórias a voz de meu pai cantando para mim o samba de Jorge Aragão “Coisinha do Pai”.



O coisinha tão bonitinha do pai
 Ô coisinha tão bonitinha do pai
 Ô coisinha tão bonitinha do pai
 Ô coisinha tão bonitinha do pai
 Você vale ouro, todo meu tesouro.
 Tão formosa da cabeça aos pés
 Vou lhe amando lhe adorando
 Digo mais uma vez
 Agradeço a Deus porque lhe fez

Foto 1 Infância - 1986

Lembro-me saudosamente da única boneca negra que ganhei no final da infância, ela era linda, inconscientemente essa boneca elevava minha autoestima.

Minhas melhores recordações infantis do processo educativo escolar remetem a afortunada lembrança da única professora negra de belos traços e gestos sutis que tive na 2ª série do Ensino Fundamental (Tia Elenice), singular e familiar referência dos anos iniciais.

Certo que no decorrer do processo de escolarização nem todos os apontamentos foram positivos, era possível perceber alguns olhares indiferentes, manifestações que hoje posso atribuir como racistas.

Passeando um pouco mais por minhas memórias recordo-me, de brincadeiras inconvenientes e chamamentos pejorativos que alguns “colegas” faziam o que me causa até hoje tamanha estranheza visto que por vezes era praticado por outros negros.

No decorrer de meus estudos recordo ter aprendido sobre o processo histórico no que tange a história da África, questões atreladas ao sofrimento vivido pelos escravos durante o Brasil Colonial fortemente ressaltado pelos historiadores da época, ao Apartheid na África do Sul e a miséria do povo africano.

Na adolescência a percepção de que faltava representatividade negra na sociedade brasileira, nas mais diversas profissões como: médicos, advogados, professores, por vezes despertaram em mim inquietudes.

Por influência de minha tia, fiz curso Técnico em Turismo, onde pude presenciar uma atitude que me comoveu profundamente. Em conversa na fila do ônibus, uma colega também negra, revelou que aquele seria seu primeiro dia no curso de enfermagem, mas que só ficaria se houvesse outros negros além dela na sala. Essa fala me surpreendeu, pois nunca havia tido pensamento parecido, por vezes fui a única ou uma das poucas negras nos cursos de meu interesse e esse fator nunca foi limitante para mim.



Foto 2 - Formatura do Curso Técnico em Turismo 2000

O ingresso na faculdade de Pedagogia trouxe mudanças significativas para minha vida apesar de não ter estudado assuntos relevantes sobre África. O fato de ter uma formação profissional e ser a primeira pessoa em minha família a ter concluído um curso superior certamente foi um diferencial.

A presença particular de uma professora negra em um dos períodos acadêmicos foi algo de muita representatividade. Finalmente pude ver uma mulher negra culta ocupando um cargo relevante socialmente.

Cursando minha primeira Pós- graduação em Gestão Pedagógica, tive um pouco mais de contato com assuntos sobre questões étnico-raciais especialmente sobre a inserção da lei 10.639 nos currículos das escolas brasileiras, contudo a necessidade de me aprofundar no assunto me trouxe até aqui.



Foto 3- Formatura em Pedagogia - 2009

Estudar História da África para mim, Gilcinéia, mulher, negra e educadora representa uma oportunidade ímpar de ressignificar minha história pessoal, trazer luz às dúvidas e às inquietudes e sentido às lutas cotidianas enfrentadas ao longo de minha trajetória, bem como as de meu povo. É estar certa da possibilidade de poder compreender e poder modificar através do conhecimento acadêmico o contexto histórico que vivemos.

Considero o curso de História da África importante não somente para complementação de meu currículo profissional bem como por sua relevância nas práticas sociais. Profissionalmente, enquanto Pedagoga, minha atuação perpassa por diversas

esferas educacionais, atuei na Educação Infantil, nos primeiros anos do Ensino Fundamental e atualmente no setor administrativo como Auxiliar de Secretaria Escolar, exigindo de meu exercício constante atualização dos conhecimentos.

De certo que abordar tais questões requer conhecimento fundamentado. Para isso curso de História da África com suas reflexões e subsídios, possibilitam a construção de propostas inovadoras a fim de anular antigos padrões, uma vez que o panorama educacional atual exige intensas modificações, demandando constantes reformulações de nossa atuação, adquirindo conhecimento científico qualificado que fundamente nossa ação pedagógica.

A cada aula do curso de História da África é uma porta que se abre para um mundo de possibilidades reais de ressignificação e formação de identidade. Hoje a escola que trabalho dentro de minhas possibilidades tem se “empretecido” aos poucos. Mesmo em passos miúdos, busco em minha prática valorizar a presença e colaboração da cultura negra em nossa sociedade.

II - Repensando a aprendizagem: leituras críticas sobre a práxis.

Interrogações sobre o continente africano sempre se fizeram presentes principalmente nos momentos em que a prática me levava a abordar assuntos relativos a consciência negra e a contribuição dos estudos sobre África para o estudo da história da humanidade.

Atuando como professora de Educação Infantil no primeiro e segundo períodos, ministrando aulas de Literatura Infantil e Arte, sentia a necessidade de inserir em minhas aulas este assunto valorizando histórias infantis e trabalhos artísticos que trouxessem às crianças negras algum pertencimento, em meio a tantas histórias de príncipes e princesas de olhos azuis e longos cabelos loiros.

Ao iniciar a Especialização logo fomos levados a refletir sobre a importância do estudo da História da África para compormos a história da humanidade, sendo imprescindível desconstruir a ideia de uma África homogênea. Por tempos a história humana foi forjada sob um único prisma que enfatizava os feitos europeus.

Nossa primeira aula com a professora Ana Mônica, discutimos sobre o *Imaginário europeu em relação à África* – tal perspectiva criou um imaginário negativo sobre África, os europeus atribuíam ao negro aspecto deformado, referiam-se a África como terra de serpentes. Segundo Hegel “A única conversão entre os negros e os europeus é a escravidão” afirma que a escravidão foi a ocasião do aumento do sentimento humano entre os negros.

Ainda refletindo sobre o imaginário europeu sobre África, vale destacar as considerações da Professora Fernanda Thomaz. Os europeus desconheciam a África primitiva subsaariana, no século XVII só tinham conhecimento do norte da África a região do Magreb parte mediterrânea sofisticada da África. No século XIX colonizaram a África com a intenção de civilizar e educar criando a ideia de África como um continente.

A partir da criação de tal ideia surgiu o Africanismo que são concepções voltadas para compreender e identificar as sociedades africanas pelo enfoque africano. Dentre esses formatos podemos destacar: O Pan Africanismo, criado por afrodescendentes Americanos em busca de identidade racial – os negros para se sentirem realmente libertos deveriam retornar a África.

Outro movimento que deve ser considerado é o do Harlem Renaissance que valorizava a cultura negra através da música, dança, poesia e outras manifestações no Harlem nos EUA .O movimento Negritude com uma proposta de defesa do povo negro e uma nova expressão literária.

O Afrocentrismo como contra narrativa ao eurocentrismo, uma ideologia pan-africana na cultura, filosofia, que incentivava o orgulho e o nacionalismo africano.

No Brasil os imaginários sobre África no final do século XIX tendiam a negação e inferiorização dos africanos. O evolucionista Nina Rodrigues defendia que os africanos eram inferiores acreditava que pertenciam a uma raça e cultura inferior à raça branca. Destacava em sua tese a vinculação da raça negra ao potencial de criminalidade. Silvio Romero por sua vez comungava dos mesmos pensamentos, concebia a ideia de que o africano era biológica e culturalmente inferior e que a saída para o Brasil, seria o embranquecimento da população.

Discorrendo um rápido olhar sobre a contribuição dos africanos para a formação do Brasil contemporâneo cabe destacar dois episódios de grande relevância social: a *Semana de Arte Moderna* em 1922 e a Era Vargas, onde o componente africano foi agregado como elemento da identidade brasileira. A primeira se sobressai através das manifestações artísticas culturais de variados artistas e pensadores da época que repensavam a identidade brasileira dando ênfase às colaborações africanas em suas manifestações. A Era Vargas que além de dignificar o trabalho após 350 anos de escravidão determinou a capoeira como um esporte nacional.

O processo de redemocratização, a nova política diplomática sinalizam novas relações com o continente africano, criando Centros de Estudos Afro, o reconhecendo às independências principalmente de Angola, a aproximação com outros países como Nigéria, a cooperação internacional com os exilados, a reaproximação do governo Lula com a África, mesmo que romantizadas, essas relações culminaram na promulgação no decreto de lei 10.639 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas visando transformar a identidade da população brasileira certamente um ganho para população negra no Brasil.

Em virtude de tais aprendizagens tornou-se necessário e urgente voltar meus trabalhos para algo que trouxesse consciência a meus pequenos dando-lhes representatividade em especial aos alunos negros, que como eu, pouco se identificam com os contos de fadas tradicionais abordados em sala de aula.

Curiosamente a proximidade oportuna com o período que comemoramos o dia da Consciência Negra (20 de novembro) serviu-me de “pedra fundamental” para dar início aos trabalhos voltados para a cultura africana na educação infantil.

A partir de meus poucos conhecimentos selecionei alguns livros que conhecia sobre histórias infantis que pudesse levar mensagem de apreço e valorização às diferenças, sobretudo ao estereótipo da pessoa negra, pouco abordado dentro do universo de faz de contas a qual estamos acostumados a ler para nossas crianças.

Planejei trabalhar com o tema por toda semana, utilizando de livros, vídeos, recortes e materiais para confecção de artes visuais (cartazes, fantoches, colagens dentre outros).

Iniciei a proposta levando os alunos do segundo período até a biblioteca a fim de ler para eles o clássico livro: Menina Bonita do laço de fitas de Ana Maria Machado. Depois discutimos sobre a história, houve quem discordasse da opinião do coelho negando a beleza da menina, Alguns alunos se identificaram com a história ao dizer que seus avós e ou pais e mesmo eles são negros e belos. Nessa conversa com os alunos pude perceber o quanto é difícil para algumas crianças se reconhecerem como negras, e muito menos se sentirem belas, mesmo diante de tantas iniciativas atuais de empoderamento da beleza negra. Como culminâncias produziram fantoches das personagens com material reciclável.



Foto 4 - Trabalho dos alunos da EMEI Profª Renata Teixeira Bastos - 2015

Trabalhei também a história do livro intitulado O cabelo de Lelê, de Valéria Belém, que narra sobre uma menina que se olha ao espelho e não gosta do que vê, porém é ofertada a ela a possibilidade de variar os penteados de seus cabelos. Lembro-me do brilho nos olhos de uma menina de tranças ao ver seu penteado ilustrado no livro como uma das

possibilidades para a personagem. Logo após a narrativa da história as crianças brincaram de fazer penteados umas nas outras, e em bonecas. Nessa interação pude observar que as crianças estão abertas às novidades e respeitam o visual umas das outras.

Em meu trabalho com alunos de educação infantil, percebo que em geral são crianças menos preconceituosas, que sentem apreço por sua aparência, e respeitam seus pares, contudo há que se trabalhar muito e seriamente para que não haja regressão desses sentimentos, pois bem sabemos vivemos em uma sociedade de espírito intolerante. Paraphrasing document publicitário “Ninguém nasce racista, continue criança” digo, ninguém nasce racista aprende a ser.

Sobre as aulas da especialização cabe destacar as excepcionais aulas sobre *Memória, identidade e cultura escolar*, ministradas pela professora Sônia Miranda. Confesso que as mesmas, foi um divisor de águas, trouxeram um novo brilho ao curso, uma vez que devido a minha formação por vezes me encontrava perdida nas abordagens mais técnicas, digo históricas.

Encantamento foi o sentimento que essas aulas despertaram em mim, a professora fez com que repensássemos a cerca do tipo de conhecimentos que queremos produzir, a importância de valorizar a memória cultural no cotidiano escolar, a forma como se olha o outro no cenário escolar é determinante para a não hierarquização dos saberes. Assim como no conto *O Rei e a omelete de amoras*, gentilmente compartilhado em aula, traduz muitas vezes a meu ver a personificação de nossas lembranças em objetos ou coisas que passam a ter um valor sentimental para nossa existência.

Vide texto abaixo

O REI E A OMELETE DE AMORAS

Era uma vez um rei que chamava de seu todo poder e todos os tesouros da Terra, mas apesar disso não se sentia feliz, e a cada ano se tornava mais melancólico. Um dia, mandou chamar seu cozinheiro predileto e lhe disse: “Por muito tempo tens trabalhado para mim com fidelidade e me tens servido à mesa as mais esplendidas iguarias, de modo que te sou agradecido. Porém, desejo agora uma última prova do teu talento. Deves me fazer uma omelete de amoras igual aquela que saboreei há 50 anos, em minha mais tenra infância. Naquela época meu pai travava guerra contra seu perverso inimigo a oriente. Este acabou vencendo, e tivemos de fugir. E fugimos, pois, noite e dia, meu pai e eu, através de uma floresta escura, onde afinal acabamos nos perdendo. Nela vagamos e estávamos quase a morrer de fome e fadiga, quando, por fim, topamos com uma choupana. Aí morava uma velhinha que amigavelmente nos convidou a descansar, tendo ela própria, porém, ido se ocupar do fogão. Não muito tempo depois estava à nossa frente a omelete de amoras! Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma nova esperança entrou em meu coração. Naqueles dias eu era muito criança e por muito tempo não tornei a pensar

no benefício daquela comida deliciosa. Já era rei quando mais tarde mandei procurá-la, vasculhei todo o reino, não se achou nem a velha nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar a omelete de amoras. Agora, quero que atendas a este meu último desejo: faze-me aquela mesma omelete de amoras! Se o cumprires, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contentares, deverás morrer”. Então o cozinheiro disse: “majestade, podeis chamar logo o carrasco. Conheço, é verdade, o segredo da omelete de amoras e todos os seus ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sei empregar todos os condimentos. Sem dúvida, há também o verso mágico que se deve recitar ao bater os ovos, e sei que o batedor de madeira de buxo deve ser sempre girado num só sentido. Contudo, ó rei, terei de morrer! Minha omelete não vos agradará ao paladar, jamais será igual àquela que vos veio pelas mãos da velhinha. Pois como haveria eu de temperar a coisa com aquilo que nela desfrutastes e que vos deixou, senhor, a impressão inesquecível? Faltarão o perigo da batalha e o seu picante sabor, a proximidade do pai na floresta desorientadora, a emoção e a vigilância do fugitivo perdido. Não será omelete comida com o sentido alerta do perseguido. Não terá o descanso no abrigo estranho e o calor do fogo amigo, a doçura da inesperada hospitalidade de uma velha. Não terá o sabor do presente incomum e do futuro incerto”. Assim falou o cozinheiro. O rei, porém, calou um momento e não muito depois consta haver dispensado dos serviços reais o cozinheiro, rico e carregado de presentes.

Walter Benjamin

Ressalto ainda a visita ao Museu da Maré, que através de objetos de estima pessoal da população daquela comunidade, descreve a memória da resistência e luta de um povo pobre, negro, oprimido que precisa e deve resistir a passagem do tempo.



Foto 5 - Museu da Maré

Ainda sobre a temática da memória e identidade é apropriado lembrar também a visita da Professora Gisela Marques Pelizzoni, que com sua narrativa sobre cantiga de roda, congado e Folia de Reis nos aproximou um pouco mais de nossa cultura popular que por vezes é esquecida.

Como Pedagoga também considero importante destacar mais uma aula em especial, sem contudo tirar o devido mérito de todas as outras que certamente contribuem para o desenvolvimento do curso como um todo. Porém, as exposições sobre Práticas Pedagógicas e o Ensino das Culturas Africanas pela professora Carolina Bezerra ilustraram com caráter bastante intenso sugestões de como abordar o tema da Cultura Africana em sala de aula, dando ênfase à apresentação impactante do vídeo *Vista minha pele*, de Joel Zito Araújo que provoca uma mudança de ótica.

E o que dizer sobre a professora Perses Canelas? Simplesmente incrível. Trouxe o tema que de imediato conquistou meu interesse, falar sobre os griots e como se dá a transmissão oral da cultura africana foi muito significativo sobre tudo às ilustrações com provérbios africanos. Fascinante a forma com que ela conduz seus saberes, propõem atividades contextualizadas com seus alunos, utiliza a delicadeza com as palavras, revelam algo típico de quem conta e encanta. Aula leve e rica em detalhes, belíssimo projeto Griot que resgata a importância do negro na sociedade brasileira. Não por acaso seus trabalhos despertam interesse na mídia.



Foto 6 - Aula da professora PÉRSÉS Canelas

Exposições sobre a cultura Tamancheque - Tuaregues relatadas por Mahfouz Ag Adnane tem na poesia e na música a forma de valorização de sua cultura, resistência e luta por suas fronteiras, pudemos conhecer um pouco de sua música ao assistirmos ao vídeo de

uma das bandas mais tradicionais. Aberto a diálogos Mahfouz com sua simpatia nos presenteou com relatos de sua vivência no continente africano, sua postura em relação a ocupação de sua região pelo grupo terrorista Estado Islâmico, além de outras curiosidades.



Foto 7 - Aula com Mahfouz Ag Adnane

Discorrer sobre algumas aulas é demasiadamente difícil, visto que cada apresentação nos transforma, instiga a mudanças de percepção em relação à história humana que nos foi transmitida até hoje. Sei que há ainda muito que fazer e aprender, rumo a novos caminhos. Acredito que somos responsáveis por colocar em prática essa nova perspectiva em nossas aulas buscando uma história mais real. .

Atualmente em minha prática cotidiana me distancio com saudades da sala de aula, porém busco exercer as reflexões adquiridas com as aulas colaborando com a formação de um ambiente escolar representativo para os alunos negros. Sei que minhas colaborações hoje são pequenas. Mesmo ínfimas podem cooperar para a formação de identidade. Confesso que essas reflexões só puderam ser feitas após ter bebido das fontes de Carolina

Bezerra, que em seu esplêndido trabalho ERER, me fez questionar como deveria ser o ambiente escolar no qual estou inserida e o que seria possível mesmo fora da sala de aula, torná-lo acessível ao trabalho de uma educação voltada às Relações Étnico-raciais.

Quando em minha infância presenciaria um painel com uma boneca negra recepcionando as pessoas? Quando os coelhos de páscoa entregues como brinde seriam negros?, Quando viria a foto de uma linda menina negra estampar o mural de avisos na sala dos professores?, Acredito que nunca havia visto em minha infância a presença de pessoas e ou situações que pudessem fazer com que eu me visse representada.



Foto 8 – EMEI Pofª Renata Teixeira Bastos

Espero que, assim que retornar às salas de aula possa fazer um trabalho coeso, empregando os conhecimentos adquiridos nesta especialização, lembrando que a História da África são muitas e de grande valor para história a humanidade como um todo.

III - Práticas pedagógicas, intervenções e ações sócio-educativas.

Consciente da contribuição da cultura africana para a formação da história da humanidade. Faz-se necessário repensar a forma como os currículos estão abordando a história da África e as relações étnico-raciais nas escolas.

Atualmente temos presenciado a ressurreição assim por dizer do racismo, a mídia nos tem apresentado crescentes manifestações de intolerância racial e uma das possíveis formas de se combater tais atitudes é a educação.

Em meu trabalho com crianças observo que é na primeira infância na educação infantil que a criança desenvolve diferentes modos de pensar, distintas formas de sentir, experimentar e expressar sua criatividade. Inicia suas escolhas seja pelos brinquedos preferidos, ou aos colegas com quem compartilhará brincadeiras, cabendo ao educador orientar os trabalhos ampliando e potencializando os saberes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino das Relações Étnico- Raciais, visam ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática.

A abordagem de questões sobre as diferenças, inclusive as raciais, precisam ser levadas para o reduto escolar já nos primeiros anos de educação, através de elementos que provoque a percepção das diversidades, como: a inserção de bonecas e bonecos negros, livros com a temática africana, imagens e figuras de negros conhecidos socialmente, vídeos e ou filmes que remetam a História da África, desenhos e pinturas com elementos africanos, oficinas diversas, apresentação de dança entre outros. Buscando o reconhecimento a valorização da história, a cultura e identidade negra.

É importante salientar que para se ter uma aprendizagem significativa para as crianças da educação infantil o trabalho com projetos é de grande valor, uma vez que este tem por objetivo auxiliar as crianças a obterem sentido mais profundo dos acontecimentos do seu respectivo ambiente. Do enfoque pedagógico os projetos promovem interação e cooperatividade entre as crianças estimulando o interesse em aprender cada vez mais. É uma forma de trabalhar que reúne diferentes conteúdos gerando novas aprendizagens.

Destaco a seguir um projeto pedagógico destinado a creches e pré-escolas como forma de intervenção, com a finalidade de promover na Educação Infantil, uma educação menos desigual, inclusiva, respeitosa.

Projeto: As múltiplas cores da infância.

Este projeto tem por finalidade garantir não somente a aplicabilidade da lei 10.369 nas Escolas de Educação Infantil, mas sobre tudo garantir o ganho cultural inestimável que a cultura africana aliada ao desenvolvimento cognitivo e às aprendizagens de convívio social proporcionarão para que se desenvolva cidadãos críticos capazes de respeitar seus pares e transformar o mundo que os cercam.

Justificativa

Tendo como base a narrativa do artigo quinto da Constituição Nacional, a educação no Brasil é direito de todos, é a base para a construção e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, solidária e livre.

Sabendo que em nossas escolas convivem pessoas das diversas origens, raças, credos, gênero e classes sociais retratando a diversidade do povo brasileiro, cabe a nós educadores tomarmos a responsabilidade de elaborar ações que atendam e garantam esse princípio constitucional.

Objetivos gerais

Este projeto tem por objetivo viabilizar a inserção da lei 10.639 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Propondo intervenções pedagógicas que resgatem a contribuição do povo negro para a formação de nosso país; buscando educar para igualdade; desenvolvendo o apreço pelas diversas contribuições culturais do país; construindo identidades desde a primeira infância.

Objetivos específicos

Comprometer o corpo docente a ocupar-se com a temática das relações étnico-raciais; Destacar a riqueza e a importância da contribuição africana para a cultura brasileira; promover a autoestima da criança negra conferindo a ela identidade racial; repensar a prática pedagógica tendo como base um discurso que desenvolva o respeito e a valorização da história e cultura africana bem como a pessoa negra diminuindo preconceitos.

Como preparar os professores?

Lendo, assistindo, e ouvindo referências sobre África e a questão étnico-racial no Brasil.

- As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-raciais.
- História Geral da África.
- Livros de literatura Infantil com temática africana e de valorização do negro. Sugiro:
Menina bonita do laço de fita, Cabelos de Lele, O menino marrom, Bruna e a galinha d'Angola, As tranças de Bintou, Duula, Chico Juba, O mundo começa pela cabeça, Betina e outros.
- Vídeos sobre a temática Como:
Kiriku e a feiticeira, Kiriku e os animais selvagens, Kiriku os homens e as mulheres, As aventuras de Azur.

O que trabalhar com os alunos?

- Construção positiva da imagem: autorretratos, painéis de fotos, competição de penteados, desfiles de beleza.
- Expressão corporal: dança, brincadeiras e movimento
- Expressão artística: pintura, colagens, mosaicos, músicas (instrumentos musicais), teatro e outros.

- Linguagem: roda de conversa, ouvir histórias, narrativas orais, recontar histórias; cantar músicas.
- Afetividade: estímulo do toque, brincar de cuidar de bonecas (negras) e outros.

Desenvolvimento

1ª Etapa

- Apresentar aos educadores o projeto através de reuniões pedagógicas.
- Realizar encontros mensais para viabilizar a realizar do projeto.
- Discutir sugestões e fazer adequações caso haja necessidade.
- Socializar ideias das atividades entre os educadores.
- Selecionar e organizar materiais: livros, recortes, imagens, vídeo, filmes, músicas, matéria-prima para desenvolver oficinas.
- Buscar parcerias com a comunidade
- Planejar as atividades.

2ª Etapa

- Realizar momentos de narração de histórias, contos, ditados populares africanos, reconto das histórias pelas crianças, audição de música africana.
- Encenação das histórias.
- Assistir vídeos, filmes e ou animações.
- Experimentar diversas sensações táteis – promover o toque entre as crianças (pele, cabelos) promovendo aproximação e quebra de preconceitos.
- Inserção de bonecas e bonecos negros – Trabalhar a afetividade e cuidado com o próximo.
- Produção e ou adoção de instrumentos musicais afro-brasileiros.

- Apresentação de música, dança, brincadeiras.
- Aula de culinária e degustação que remetam à culinária africana
- Produção e exposição de artes visuais e manualidades – desenhos, pinturas, colagens, artesanato, fantoches, etc.
- Como culminância do projeto sugere que se faça a exposição dos trabalhos para a comunidade escolar

Observação:

É necessário que todos os professores trabalhem no decorrer do projeto todas as atividades propostas, e busquem socializar com os pares para que haja diversidade na produção.

Avaliação

O projeto será avaliado desde seu início, através de práticas reflexivas visando a aplicabilidade de cada atividade proposta.

IV – Considerações Finais

Este portfólio tem por proposta expor a trajetória do curso de Especialização em História da África, abordando as motivações que me trouxeram até aqui, bem como relatar as reflexões adquiridas no decorrer do curso e sua aplicabilidade em minha práxis, as efetivas e possíveis intervenções mediante as aprendizagens compartilhadas no transcorrer do curso.

A busca por identidade, a curiosidade de saber mais a fundo nossa história, fazem deste curso uma fonte fecunda de sabedoria.

No que diz respeito a temática da desigualdade causada pela discriminação racial vale destacar que a falta de histórias que valorizem o africano e seus descendentes, são as maiores protagonistas.

Gomes destaca que a identidade, é construída através da “ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, determinada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação”.

Partindo desse pressuposto a interação entre as pessoas é indispensável, para a formação da identidade, particular e social. Neste contexto incumbe ressaltar que educação escolar bem como o convívio social entre as pessoas estão intimamente associados á esse processo.

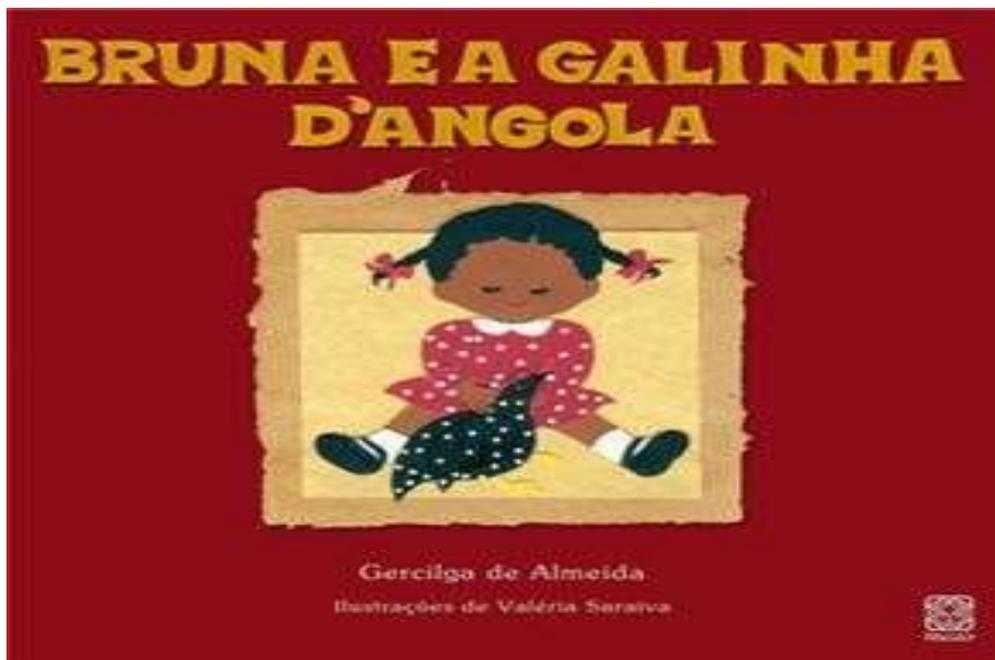
O resgate da história da África sob o prisma de sua contribuição positiva para cultura brasileira de um modo geral deverá servir para enaltecer o orgulho de pertencê-la.

ANEXO

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA (Gercilga Almeida)

Figura 1- Capa do livro BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA



Fonte: LOPES, Maria Lúcia Martins da Silva, Iguatemi. 2013. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/lmlslm/bruna-e-a-galinha-de-angola>> acessado em 24 de agosto de 2016.

Dados da aula

O que o aluno poderá aprender com esta aula

- ✓ Desenvolver o gosto por ouvir histórias.
- ✓ Aguçar o imaginário.
- ✓ Desenvolver coordenação motora.
- ✓ Desenvolver sentido artístico.

- ✓ Conscientizar sobre a influência da cultura africana em nossa sociedade e sua colaboração para a formação da cultura brasileira.

Duração das atividades

3 (três) aulas.

Estratégias:

- ✓ Narração da história utilizando a caixa de história.
- ✓ Confeção de massinha para modelar a galinha.
- ✓ Fazer a Bruna em dobradura.
- ✓ Desenho com giz de cera para impressão em tecido cru.
- ✓ Ouvir a música A galinha d'Angola de Vinicius de Moraes e Toquinho, cantada por Ivete Sangalo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rcv8gZchbYE> em 01 de setembro de 20126.
- ✓ Jogo de pré-alfabetização.

Recursos:

- ✓ Livro Bruna e a galinha d'Angola
- ✓ Folhas de papel ofício, giz, olhos articulados, cola colorida, lã.
- ✓ Material para confeccionar massinha (farinha de trigo, sal, vinagre, água e tinta guache).
- ✓ Cd player, pendrive,
- ✓ Caixa com jogo.

 Primeira aula:

Primeiro momento

Na biblioteca em rodinha fazer a narração da história usando os recursos da caixa de histórias. Conversar com as crianças sobre o que foi narrado, fazer as considerações cabíveis.



Fotografia 2 - Narração da história Bruna e a galinha D'Angola, 2016.

Segundo momento

Em sala de aula fazer com as crianças a dobradura da personagem principal **BRUNA**.

Como fazer a dobradura:

Distribuir para cada criança 2 círculos de papel ofício em tamanhos diferentes. O círculo menor servira como rosto o maior o corpo. As crianças deverão colorir criativamente com giz de cera, fazer as dobras no papel, colar os olhos, cabelos e pés.

Segunda aula:

Primeiro momento

Em sala de aula ouvir e cantar com as crianças a música - A galinha d'Angola de Vinícius de Moraes e Toquinho, cantada por Ivete Sangalo.

A Galinha d' Angola

Coitada, coitadinha Da
galinha d'Angola Não
anda ultimamente
Regulando da bola

Ela vende confusão
E compra briga
Gosta muito de fofoca
E adora intriga
Fala tanto
Que parece que engoliu uma matraca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca!
Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Coitada, coitadinha Da
galinha-d'Angola Não
anda ultimamente
Regulando da bola
Come tanto
Até ter dor de barriga
Ela é uma bagunceira
De uma figa
Quando choca, cocoroca
Come milho e come caca
E vive reclamando
Que está fraca

Tou fraca! Tou fraca! Tou fraca!

Segundo momento

Fazer com as crianças a massinha de modelar caseira e modelar as galinhas.



Fotografia 3 - Preparação e modelagem da massinha caseira, 2016.

Receita da massinha de modelar caseira

Disponível em: <http://blog.kyly.com.br/blog/aprenda-a-fazer-massinha-de-modelar-caseira> em 01 de setembro às 22h39min.

Ingredientes:

- 4 colheres de sopa de farinha de trigo
- 1 colher de sopa de vinagre
- 2 colheres de sopa de sal
- 3 colheres de sopa de água
- 1 colher de sopa de tinta guache da cor que você quiser (neste caso usaremos a tinta Preta)

Modo de preparo:

- 1) Dissolva a tinta guache na água, assim fica mais fácil para ela se misturar com os outros ingredientes.



- 2) Numa bacia grande, coloque a farinha, o vinagre e o sal. Dê uma mexidinha rápida com a colher.



- 3) Acrescente a mistura de tinta guache e água. Misture bem, mas muito bem mesmo! Quanto mais você misturar, mais a massa vai se soltar da bacia e logo logo vai se parecer com massinha de verdade!



- 4) Quando a massa estiver bem consistente, no ponto da foto abaixo, é hora de amassar com as mãos para ajudar os ingredientes a ficarem ainda mais misturadinhos.



- 5) E está pronta a sua massinha caseira! Viva! Se por acaso ela ficar molenga demais, é só acrescentar um pouquinho de farinha e amassar bem para misturar. Mas, se a massinha ficar um pouco seca, basta colocar uns pingüinhos de água e amassar de novo. Cuidado para não por água demais, senão vai virar uma meleca!

+ Terceira aula:

Primeiro momento

Cantar novamente com as crianças a música que ouviram no dia anterior A galinha d'Angola enquanto as crianças desenham em lixas d'água com giz de cera, para produzirem o panô igual ao da história.

Como fazer o pano

As crianças deverão desenhar o que quiserem, (podendo usar os desenhos do livro como inspiração) com giz de cera na lixa d'água. Após o termino do desenho a professora devera aplicar a imagem da lixa para o pano com o auxilio de um ferro quente - esta etapa devera ser feita com certa distância das crianças por medidas de segurança.



Fotografia - 3 Produção de Panô, 2016.

Segundo momento

Em sala de aula aos pares de crianças brincarão com um jogo feito a partir de palavras e imagens encontradas na história, onde com o auxilio do alfabeto móvel as crianças deverão reescrever estas palavra.



Fotografia 5 - Crianças jogando, 2016.

Cabe informar que esta sequência didática foi idealizada por mim e executada em parceria com a professora regente da turma do 2º período B Prof^ª. Cristiana Aparecida Marques, na Escola Municipal de Educação Infantil Prof^ª. Renata Teixeira Bastos no Município de Matias Barbosa, sendo importante destacar que todas as crianças registradas nas fotos aqui presentes tem o uso de suas imagens autorizadas por seus responsáveis e as mesmas se encontram arquivadas nas dependências da Instituição de Ensino supracitada estando disponíveis para eventuais consultas.

Referências

Brasil, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília. MEC/Secretaria de Educação Continuada, alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2004.

GOMES, Nilma Lino; **Educação e Identidade Negra**, Aletria, 2003. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br.poslist>>acesso em 30 jan.2015.

LIMA, Mônica; **Fazendo Soar os Tambores: O Ensino da História da África e dos Africanos do Brasil**. In. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade brasileira. Ed. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2004.

PEREZ, Carolina dos Santos Bezerra; **Erer: Educação para as Relações - Étnico Raciais: Juiz de Fora**, Editora UFJF